Volume 21 Issue 62
Originally issued as C7



Global Journal of human-social science: C
Sociology & Culture
Volume 21 Issue 7 Version 1.0 Year 2021
Type: Double Blind Peer Reviewed International Research Journal
Publisher: Global Journals
Online ISSN: 2249-460X & Print ISSN: 0975-587X

Deus-Trindade: Paradigma Paras as Relações

By Aurea Marin Burocchi

Abstract- The God of the creed and of the Christian liturgy: the Holy Trinity - Father, Son and Holy Spirit - was forgotten for almost 1,600 years. This forgetfulness, with the consequent christomonism experienced by Christians and also by the theological reflection, was the reflection of a patriarchal monocratic society, especially the feudal model in which the "lord" was the only one to have authority over the entire family group and of the servants and aggregates. This model had important influences on human relations. An example of this is the monarchical authoritarianism that prevailed in the West of the world. Since the 19th century and the development of philosophy, psychology and sociology, theology also takes up, together with the legacy of the Fathers of the Church, the reflection on the Trinity, based on these disciplines. After the Second Vatican Council, the compulsory resumption of the Trinitarian foundation of the theological disciplines is verified. Today, it is understood that the model of God-Trinity relationships is also valid for human relationships in which it is possible to experience, in an always fallible and fleeting way, God-Trinity in established relationships.

Keywords: *trinity. the human being. love.*

GJHSS-C Classification: *FOR Code: 370209*



Strictly as per the compliance and regulations of:



© 2021. Aurea Marin Burocchi. This research/review article is distributed under the terms of the Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0). You must give appropriate credit to authors and reference this article if parts of the article are reproduced in any manner. Applicable licensing terms are at https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/.

Deus-Trindade: Paradigma Paras as Relações

Aurea Marin Burocchi

Resumo- O Deus do credo e da liturgia cristã: a Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – ficou esquecida por quase 1.600 anos. Esse esquecimento, com o consequente cristomonismo vivenciado pelos cristãos e também pela reflexão teológica, foi o reflexo de uma sociedade monocrática patriarcal, especialmente do modelo feudal em que o "senhor" era o único a ter autoridade sobre o todo o grupo familiar e de servos e agregados. Esse modelo exerceu influências importantes nas relações humanas. Exemplo disso, é o autoritarismo monárquico que prevaleceu no ocidente do mundo. A partir do século XIX e do desenvolvimento da filosofia, da psicologia e da sociologia, também a teologia retoma, junto com o legado dos Padres da Igreja, a reflexão sobre a Trindade, alicerçada nessas disciplinas. Depois do Concílio Vaticano II, verifica-se a retomada compulsória da fundamentação trinitária das disciplinas teológicas. Atualmente, compreende-se que o modelo de relações de Deus-Trindade é válido também para as relações humanas em que é possível experimentar, de forma sempre falível e fugaz, Deus-Trindade nos relacionamentos estabelecidos.

Palavras-Chave: trindade. ser humano. amor.

Abstract- The God of the creed and of the Christian liturgy: the Holy Trinity - Father, Son and Holy Spirit - was forgotten for almost 1,600 years. This forgetfulness, with the consequent christomonism experienced by Christians and also by the theological reflection, was the reflection of a patriarchal monocratic society, especially the feudal model in which the "lord" was the only one to have authority over the entire family group and of the servants and aggregates. This model had important influences on human relations. An example of this is the monarchical authoritarianism that prevailed in the West of the world. Since the 19th century and the development of philosophy, psychology and sociology, theology also takes up, together with the legacy of the Fathers of the Church, the reflection on the Trinity, based on these disciplines. After the Second Vatican Council, the compulsory resumption of the Trinitarian foundation of the theological disciplines is verified. Today, it is understood that the model of God-Trinity relationships is also valid for human relationships in which it is possible to experience, in an always fallible and fleeting way, God-Trinity in established relationships.

Keywords: trinity. the human being. love.

I. Introdução

O Símbolo cristão afirma a Unidade e a Trindade de Deus. Antes ainda da formulação dos credos pelas comunidades da Igreja nascente, nos séculos IV e V, Deus já era proclamado Trindade pela liturgia celebrada na simplicidade das casas dos cristãos. E essa consciência de um Deus que é amor em si e se revela como é: amor, comunhão, levou essas pessoas a estabelecerem naturalmente um estilo de vida fraterno e compartilhado. Alguns textos relatam a vida fraterna dos primeiros cristãos e se tornaram os modelos das comunidades que se desenvolveram posteriormente: At 2,42-48 e At 4,32-37[1]. Embora não devam ser absolutizados, pois os seres humanos sempre têm defeitos e dizem "não" ao amor, essas narrativas apresentam um estilo de vida: a valorização e a participação de todos, a partilha fraterna de bens materiais e espirituais, assim como dos ideais em comum que pretendiam viver (MATOS, 1997, pp. 23-61)[2].

Tendo presente essa compreensão histórica paradigmática, o presente artigo tem a pretensão de afirmar que os seres humanos são "vocacionados", chamados com toda a força de uma missão especial, a viverem segundo o paradigma trinitário: amando com amor de iniciativa, amando com amor de acolhida, amando com um amor gratuito e livre. Esse mandato é conferido no Batismo, como sacramento. Entretanto, entendemos também que esse mandato está implícito na própria ação criadora de Deus-Trindade que fez tudo em relação.

Este artigo pressupõe a reflexão sistemática dos dogmas trinitários, portanto, mais que uma longa reflexão sobre o tratado da Trindade, a perspectiva é justificar afirmação acima, com uma visão panorâmica da importância histórica da compreensão da Santíssima Trindade, de textos bíblicos, do magistério da Igreja e, especialmente, com a experiência simples de pessoas simples que tiveram a sua vida transformada por relações concretas e gratuitas.

II. Um Esquecimento Histórico (Burocchi, 2018, pp. 30-48)

O que parecia ser a pedra fundamental da fé cristã, a crença em Deus Uno e Trino: Pai, Filho e Espírito Santo, ficou esquecida por quase 1.600 anos (MUÑOZ, 2002, p. 8) no ocidente do mundo. Isto é, praticamente desde o processo de formulação do dogma trinitário[3] e depois da sua explicitação[4]. Nesse

Author: e-mail: aureamarin@gmail.com

[1] Cf. MARA, Maria Grazia. *Riqueza e pobreza no Cristianismo Primitivo.* São Paulo: Loyola, 1992.

[2] Vários textos sobre a vida das comunidades cristãs foram produzidos. Interessante a *Carta a Diogneto* da segunda metade do sec. II, editado pela Vozes em 1976, com primorosa tradução das monjas beneditinas da Abadia de Santa Maria em São Paulo e com notas de Dom Fernando Figueiredo.

[3] Concílio de Niceia (325) e de Constantinopla (381).

[4] O Concílio de Éfeso (431) que define o Dogma Mariano da Theotokos e o Concílio de Calcedônia (451) que define as duas naturezas – humana e divina – de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

© 2021 Global Journals

tempo a Trindade ficou relegada a um mistério incompreensível e até proibido, do qual o ser humano não era digno de se aproximar e muito menos ousar falar. Pode-se até pensar que isso se deu por causa de uma teologia apofática, mas o mais provável é que foi, na verdade, por uma teologia deficiente. Basta lembrarmos os fatos históricos que levaram ao fim do império romano do ocidente: as invasões nórdicas. Sabemos que, com a "conversão" desses líderes todo o povo era considerado cristão, mesmo sem ter passado por um processo catequético-mistagógico (MATOS, 1997, pp. 137-159). Além disso, com o processo de ruralização e feudalização da Europa (BISPO, 2019), a prioridade de todos passou a ser a sobrevivência, com o envolvimento de todos na manutenção dos agrupamentos humanos.

Ora, esses povos já praticavam uma religiosidade com suas crenças e liturgias próprias. Os historiadores afirmam que eram povos simples, fortes, com um líder forte e autoritário. Possuíam muitos valores a serem partilhados com os povos que dominavam, mas certamente precisariam passar pelo processo catequético-mistagógico cristão para que a conversão fosse efetiva, o que não aconteceu por muitos motivos. Assim, aquilo que era próprio do Cristianismo nascente, tornou-se incompreensível para os cristãos (MATOS, 1997, pp. 137-159).

Ao lado das razões históricas, motivos que se aprofundam nas próprias raízes teológicas do Cristianismo levaram ao esquecimento da Trindade. Os primeiros cristãos, em contato com o diversificado e complexo mundo do império romano, tiveram que responder a uma pergunta fundamental: quem é Jesus Cristo? Paulo já apresenta esse desafio em Atenas, como atesta o texto do capítulo 17 do livro de Atos dos Apóstolos. Ao responder essa pergunta, aparecem muitas opiniões ou heresias[5]. A incipiente teologia pré-nicena, tentando responder à pergunta sobre a identidade de Jesus, o Cristo Senhor, usando as categorias da filosofia grega e nem sempre foi bem sucedida nisso.

A maior dificuldade consistia na formulação de um monoteísmo trinitário que não assumisse o esquema hierárquico subordinacionista[6] nem o modalista[7], mas que definisse o único Deus cristão como três pessoas, de igual divindade e dignidade, unidas pelo amor. A crise ariana foi uma das mais importantes e longa[8]. Ario negava a divindade do Filho e do Espírito Santo e essa ideia pareceu fazer sentido para muitos cristãos. Para resolver esse impasse foram necessários dois concílios: o de Niceia (325) e o de Constantinopla (381).

O Deus cristão se torna cada vez mais desconhecido e inatingível. Até hoje é possível ver religiosos, sacerdotes e leigos que citam a legenda atribuída a Santo Agostinho, em que ele encontra na praia um menino colocando água do mar, com uma conchinha, num buraquinho na areia... Moral do relato: nossa cabeça é muito pequena para conter o mistério de Deus. Grande verdade essa! O teólogo consciente de si, de suas possibilidades e de sua missão, sabe que não pode abarcar, conter ou com-preender Deus totalmente: é Deus que o toma e a ele se revela, como se revela a todo o povo; e ele, criatura, se deixa tomar, abraçar, agradecido, por Deus. As palavras do teólogo não têm a pretensão da Verdade – pois a Verdade é Deus mesmo –, mas são balbucios da criança que vê a luz e não pode tocá-la.

> A teologia cristã deve "dizer" o amor; e porque o Amor se disse a nós na vida de Jesus de Nazaré, Senhor e Cristo, a teologia cristã deve narrar o amor, narrando o mistério da Páscoa, o evento pascal. Acho profundamente verdadeira a expressão de Eberhard Jungel, que diz que a tarefa do teólogo é "falar de Deus narrando o Amor". (FORTE, 1987, p. 108)

Pode-se dizer que o esquecimento da Trindade de Deus, com o consequente cristomonismo patente na vida cotidiana dos cristãos e atestado pela reflexão teológica, foi o reflexo de uma sociedade monocrática patriarcal, especialmente do modelo feudal em que o "senhor" era o único a ter autoridade sobre o todo o grupo familiar e de servos e agregados. Toda a Idade Média é exemplo disso.

Esse modelo continuou a exercer influências importantes nas relações humanas nos séculos subsequentes. Exemplo disso é o autoritarismo monárquico que prevaleceu no ocidente do mundo na Idade Moderna, com o surgimento dos estados modernos. Além disso, nesse período a humanidade vê um enorme desenvolvimento da ciência, a emergência da subjetividade e de uma filosofia que afirma o absoluto da razão: "penso, logo existo"[9]. O auge dessa tendência se dá com a autossuficiência Iluminista[10] e com a "antropologia do domínio da identidade" de Hegel[11] (FORTE, 1993, p. 9): "a antropologia hegeliana é o triunfo báquico da identidade do sujeito, da vida do eu colhida como fenomenologia do processo total do

[5] Do grego *hairesis*, significa literalmente "escolha" ou "opinião". A radicalização de uma opinião diferente da proposta pela ortodoxia da comunidade ficou conhecida em ambientes religiosos, especialmente no Cristianismo, como heresia.

[6] Subordinacionismo: concebia o Pai como princípio de autoridade e o Filho a ele subordinado.

[7] Modalismo: propunha um único Deus que se apresentava em vários modos, ora como Pai, ora como Filho, ora como Espírito Santo.

[8] Do nome do defensor da ideia: Ário, padre da Igreja de Alexandria.

[9] Frase emblemática atribuída a René Descartes (1596 – 1650) que foi filósofo, físico e matemático francês.

[10] O Iluminismo foi um movimento intelectual e filosófico que caracterizou o meio cultural europeu durante o século XVIII. Esse período é também chamado "Século das Luzes" ou "O Século da Filosofia".

[11] Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831): filósofo do Idealismo Alemão, foi um marco na filosofia.

© 2021 Global Journals

espírito, em todas as suas dimensões e em todos os seus níveis" (FORTE, 1993, p. 12), pensamento caracterizado pela dificuldade do reconhecimento do outro e o do OUTRO. Kant[12] apresenta a religião dentro dos limites da pura razão: o que é mistério para a religião, pode ser reduzido a razão e moral (FORTE, 2003, p. 74).

Assim, Deus é apresentado como um único ser supremo, com pluralidade de atributos: o Pai ama os homens, o Filho é modelo para a humanidade, o Espírito Santo busca o acordo entre os homens e mostra o amor fundado na sabedoria (LADARIA, 2005, pp. 30-31). A teologia é simplesmente a repetição de dogmas incompreensíveis e irreconciliáveis com a razão, sem nenhuma incidência na vida prática das pessoas e nenhuma contribuição para o progresso do mundo.

A partir do século XIX e do desenvolvimento da filosofia, da psicologia e da sociologia, também a teologia retoma, com o movimento de volta às fontes e a redescoberta do legado dos Padres da Igreja dos primeiros séculos, a reflexão sobre a Trindade. Alicerçados nas novas disciplinas, foram os teólogos protestantes que, primeiramente, se voltaram para o mistério de Deus Trindade, uma vez que, nessa época, a Igreja Católica vive uma espécie de "crise de inteligência" devido a pontificados centralizadores, fechados aos progressos históricos e, portanto, equivocados em relação à compreensão da fé cristã católica.

Nos anos entre 1962 e 1965, aconteceu o Concílio Vaticano II que recolheu os progressos feitos nas reflexões das décadas precedentes e, finalmente, dando o aval da hierarquia católica a muitas propostas anteriormente recusadas, estigmatizadas e cujos autores tinham sido desacreditados e até mesmo excomungados.

Nessa ocasião, os padres conciliares, reunidos na assembleia do Concílio Vaticano II, pedem a retomada compulsória da fundamentação trinitária das disciplinas teológicas. Entretanto, isso ainda não atingiu, efetivamente, a reflexão teológica trinitária em plenitude. Prova disso são os renomados teólogos que, ainda hoje, não fazem menção explícita à Trindade nos seus escritos.

Atualmente, compreende-se que o modelo das relações trinitárias – o Pai que ama com amor de iniciativa o Filho, o Filho que acolhe plenamente o Pai, o Espírito Santo, amor livre e gratuito entre Pai e Filho – é válido também para as relações humanas em que é possível experimentar, de forma falível e fugaz, Deus-Trindade nos relacionamentos (cf. PALMA, 2018).

[12] Immanuel Kant (1724 – 1804): filósofo prussiano, considerado o principal filósofo da era moderna, fez a síntese entre o racionalismo continental e a tradição empírica inglesa.

III. Redescobrindo a Trindade

O Cristianismo se caracteriza por ser um monoteísmo trinitário, diferentemente do Judaísmo e do Islamismo. No Símbolo da Igreja há duas afirmações inseparáveis: Deus é único e uno e Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Três pessoas unidas pelo amor de tal forma que se pode dizer que são um só Deus.

Infelizmente, nos séculos de esquecimento da Trindade poucos especialistas, como um Tomás de Aquino, ousaram dizer algo sobre o Deus cristão. Nesse sentido, a teologia católica é devedora do progresso da teologia protestante do final do século XIX e início do século XX que viu nascer grandes teólogos como Karl Barth (1886-1968), Jürgen Moltmann (1926). Foi somente na segunda metade do século XX que, com maior liberdade, teólogos católicos como Karl Rahner (1904-1984) e Leonardo Boff (1938) abordaram questões da reflexão trinitária impactantes e que levaram a profícuas discussões.

No catolicismo, o movimento de volta às fontes foi o grande responsável pela "redescoberta" dos escritos da Patrística que permitiram que a reflexão teológica caminhasse a passos largos, em todos os seus tratados e disciplinas. Embora o tratado da Trindade não tenha sido o primeiro nem o estudado com mais empenho e profundidade, após o Concílio Vaticano II houve um impulso nessa direção. A reflexão foi mais abundante com os tratados de Cristologia e Eclesiologia. Ainda será necessário mais tempo para a retomada da teologia trinitária, não obstante a solicitação do Concílio para a fundamentação trinitária das disciplinas teológicas.

O próprio Concílio deu o bom exemplo, iniciando os fundamentos trinitários já no documento *Lumen Gentium*, sobre a Igreja e sua missão no mundo, a primeira constituição dogmática preparada pelos padres reunidos. Na *Lumen Gentium* é apresentado o novo modelo de Igreja, que, lentamente, vai possibilitar uma reflexão e uma prática eclesial menos piramidal, mais respeitosa da pluralidade e inclusiva. No 1º. capítulo do documento, a Igreja é apresentada como mistério, sacramento que expressa a vontade do Pai, faz parte da missão do Filho e é habitada pelo Espírito Santo que a vivifica e santifica. Tem-se, assim, o resgate da profundidade trinitária com a definição de Igreja de São Cipriano de Cartago[13] *De unitate Patris et Filii et Spiritus Sancti plebs adunata*[14].

A *Lumen Gentium* ainda afirma que a Igreja provém da Trindade e é estruturada à imagem da

[13] S. Cipriano, *De orat. Dom*. 23: PL 4, 553; Hartel, III A, p. 285. S. Agostinho, *Serm*. 71, 20, 33: PL 38, 463 s. S. J. Damasceno, *Adv. Iconocl*. 12: PG 96, 1358 D. Bispo de Cartago, assassinado como mártir em 258. Agostinho foi bispo de Hipona (354-430). João Damasceno foi presbítero e doutor da Igreja (meados séc. VII – 749).

[14] Tradução da expressão latina: Povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

© 2021 Global Journals

Trindade e para ela se direciona. Ora, aqui está a compreensão – consciente ou não, advinda simplesmente da lógica – de que os Cristãos, reunidos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo são, com todas as possíveis ressalvas, imagem da Trindade, ou seja, são chamados, "vocacionados" para viverem segundo o paradigma trinitário.

Hoje em dia, embora o temor de se falar de Deus ainda esteja muito presente na teologia e, especialmente, extremamente distante da reflexão pastoral, há quem ouse propor, mais em nível de espiritualidade, uma teologia prática que se fundamente trinitariamente. Um desses autores é Bruno Forte, arcebispo de Chieti-Vasto, Itália. Toda sua obra traz este desenho trinitário. Outro, cujas obras são relativamente pouco conhecidas no Brasil devido à falta de traduções é Raimon Panikkar (1918-2010), sacerdote, teólogo e filósofo espanhol, comprometido com o diálogo religioso. Sua teoria sobre a experiência de Deus foi oportunamente recuperada e valorizada pelo Pe. Alexandre Palma, da UCP (Universidade Católica Portuguesa), na sua obra: *O Mistério da Trindade.* Falar de Deus junto de nós, publicação da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco) com as Paulinas, em 2018.

O ser humano é limitado, fraco, falível, isto é, é criatura. Mas o interessante é a compreensão do homem bíblico de que, não obstante a fragilidade humana, é que Deus-Trindade Amorosa o fez a sua imagem e semelhança para viver em comunhão com a divindade. Portanto, há, no ser humano, a graça especial, essa capacidade de viver a vida trinitária como atenção e realização relacional. Vida no paradigma do amor que se dá livre, gratuitamente, do amor que acolhe livre, agradecido, do amor que é a própria graça (BUROCCHI, 2018, pp. 178-184).

> Bruno Forte sublinha que a antropologia cristã se fundamenta na teologia trinitária, isto é, no modelo de relações trinitárias como proposta para a realização do ser humano. Segundo esta concepção, o ser humano só se realiza na relação, no reconhecimento do rosto do outro. Quando não há relação, abertura, não é possível nem mesmo a concepção do processo de amadurecimento psicológico da "identificação", uma vez que esta só se dá na relação com o outro-Outro. (BUROCCHI, 2018, p. 28-29)

Com o pontificado de Francisco, vê-se uma Igreja que fala menos do Concílio, mas vive o Concílio na prática cotidiana, porque já o tem incorporado na sua reflexão e na sua práxis.

> A Teologia de Francisco requer uma Igreja em saída, termo que se articula com a compreensão da pericórese trinitária ad intra, com seu êxodo ad extra na obra da criação e da salvação. Nesse sentido, Francisco assume a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, que exige nova configuração de uma Igreja piramidal para uma Igreja poliédrica e participada por todos os que a constituem. Há toda uma dimensão sinfônica e uma circularidade cadenciada onde orbitam os ministérios, carismas e serviços, numa construção arquitetônica das partes na relação com todo e o todo com as partes. Pode-se afirmar que tudo coexiste e se dá no interior da dinâmica pericorética trinitária. (FREIRE da SILVA, 2016, p. 862)

IV. Os Fundamentos da Prática do Amor

Na verdade, o estímulo à prática efetiva do amor já aparece claramente em muitos textos do Antigo Testamento, colocando a benevolência para com o pobre e necessitado à frente de sacrifícios e holocaustos. "Portanto, ó rei, aceita o meu conselho: repara teus pecados pelas obras de justiça e as tuas iniquidades pela prática da misericórdia para com os pobres, a fim de que se prolongue a tua segurança" (Dn 4,24).

Isaías insiste com o povo de Israel:

> Por acaso não consiste nisto o jejum que escolhi: em romper os grilhões da iniquidade, em soltar as ataduras do jugo e por em liberdade os oprimidos e despedaçar todo jugo? Não consiste em repartir o teu pão com o faminto, em recolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires aquele que vês nu e em não te esconderes daquele que é tua carne? (Is 58, 6-7)

Muitos outros textos trazem esse preceito que constitui o mandato de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo (Is 1,11; 1Sm 15,22; Am 5,21; Pr 21,3; Jr 22,16: Ez 18,7; Jó 31, 16,21). Para a cultura judaica, tão concreta e nada especulativa, o amor é sempre concreto, não é um sentimento romântico, como o significado que conhecemos hoje, devedor da cultura cortês da Idade Média. E, entre tantas recomendações do Código Deuteronômico (Dt 12-24), encontra-se:

> Não oprimirás um assalariado pobre, necessitado, seja ele um dos teus irmãos ou um estrangeiro que mora em tua terra, em tua cidade. Pagar-lhe-ás o salário a cada dia, antes que o sol se ponha, porque ele é pobre e disso depende a sua vida. Deste modo, ele não clamará a Deus contra ti, e em ti, não haverá pecado. (Dt 24,1-15)

No Novo Testamento Jesus, reconhecido como o Filho de Deus pelas comunidades nascentes, faz as mesmas recomendações: "Ide, porém, e aprendei o que significa: 'Misericórdia quero, e não sacrifício. Porque eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento'" (Mt 9,13). "Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes" (Mt 12,7). Ao falar sobre a condenação dos inocentes estão envolvidos todos aqueles que participam do sistema de organização social e garantia dos direitos e da justiça, portanto, podemos entender que a misericórdia, isto é, o amor para com o irmão pode ser praticado também em estruturas sociais de poder.

Entretanto, a opção é sempre pessoal: "Se alguém disser 'Amo a Deus', mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem

© 2021 Global Journals

vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar. E este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus, ame também a seu irmão" (1Jo 4,20-21).

Lucas traz a concretude do amor de Deus revelada pelas próprias ações de Cristo, quando ele entra em uma sinagoga, em Nazara, e lê o texto do profeta Isaías (Is 61,1-2), aplicando-o a si mesmo:

> O Espírito do Senhor está mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor. (Lc 4,18-19)

Em Lucas capítulo 10, Jesus oferece a linda parábola do bom samaritano a quem lhe pergunta: quem é o meu próximo? Próximo é aquele que se aproxima de quem está sofrendo, na beira da estrada, ao caminhar pela vida. Próximo é aquele que abre os olhos do coração e da inteligência e se deixa mover pela compaixão: "certo samaritano em viagem, chegou junto dele [do homem que caiu nas mãos dos assaltantes], viu-o e moveu-se de compaixão" (Lc 10, 29-37).

E a comunidade cristã tem a clareza de que, quem se encontrou com o Ressuscitado, com o Senhor, não pode se distanciar dos irmãos e das suas necessidades. Tiago afirma:

> De que adianta, meus caros irmãos, alguém proclamar sua fé, se não tem obras? Acaso essa fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem necessitados de roupa e passando privação do alimento de cada dia, e qualquer dentre vós lhes disser: "Ide em paz, aquecei-vos e comei até satisfazer-vos", porém sem lhe dar alguma ajuda concreta, de que adianta isso? (Tg 2,14-16)

Mateus, em linguagem apocalíptica, apresenta a fantástica imagem do último julgamento, "quando o Filho do Homem vier em sua glória e todos os anjos com ele" (Mt 25, 31-46). Depois das ações "concretas" positivas há a explicação: "cada vez que fizestes isso a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25, 40). Consideração semelhante é feita para os que não cumpriram com essa ação: "todas as vezes que deixastes de fazer a um desses mais pequeninos, foi a mim que deixastes de fazer" (Mt 25, 45). Resultado: os primeiros serão acolhidos no Reino, recebendo a vida eterna, enquanto os outros encontrarão o castigo que lhes toca.

Esses trechos da Sagrada Escritura nos falam da compreensão de um povo, formado por comunidades de homens e mulheres que viveram uma experiência de fé que se tornou paradigmática, quando fixada nas narrativas a que temos acesso. Nunca foi estranho para o Judaísmo primeiro e depois para o Cristianismo a estreita relação de fé e amor ao próximo explicitado em ações concretas. Santo Agostinho[15] segue essa tradição quando reflete:

> O amor fraterno é o que nos faz amar uns aos outros. Este amor não somente vem de Deus, mas é Deus. Portanto, quando por amor amamos o próximo é por Deus que o amamos. É impossível que nós não amemos o próprio amor; pelo qual nós amamos os irmãos. Porque Deus é amor, necessariamente quem ama a Deus, ama seu irmão. (*De Trin*, VIII, 12; IX, 10)

Um amor concreto, que se move e se aproxima do outro. Que dá e que acolhe, no paradigma trinitário do Pai que se dá totalmente ao Filho, do Filho que acolhe completamente o Pai, do Espírito Santo, amor em ato do Pai e do Filho. É como se o ser humano assumisse concretamente, na sua história, naquele contexto particular do seu dia, as qualidades do amor do Pai, do amor do Filho. O Espírito Santo se faz presente como ambiente amoroso, fecundo, que produz novidade nas vidas das pessoas que amam e das pessoas que lhes estão próximas ou que venham a ter contato, de alguma forma, com as suas ações ou o resultado delas, pois, como já refletia São Tomás de Aquino, tomando a expressão de vários autores precedentes, o bem, o amor é difusivo: *bonun est diffusivum sui*.

V. Experiência Humana Com "Sabor" de Deus-Trindade

Palma se pergunta:

> [para o comum dos mortais] estar-lhes-á vedado um tal acesso experiencial ao Deus que, segundo a fé cristã, é relação amorosa de Pai, Filho e Espírito Santo? Não haverá nada, na sua experiência de vida, por mais normal que seja, eu lhes desvele qualquer coisa de um Deus assim? Não poderão também eles reconhecer no que são, no que vivem, enfim, no que experimentam os célebres vestígios da Trindade? Se sim, isto é, se também eles puderem reconhecer aí qualquer coisa que lhe fala da Trindade, então porventura essa imagem cristã de Deus não lhes soará uma coisa distante e estranha; não lhes parecerá um postulado irracional e abstrato. Talvez, então, possamos constatar que na "teo-logia" dos cristãos se esconde um enorme potencial para dar mais vida à vida. [...] Ensaiando uma tal abordagem, talvez a Trindade deixe de parecer um simples brinquedo com que se entretêm os teólogos. (PALMA, 2018, pp. 67-68)

A experiência de Deus que um ser humano possa fazer, é sempre limitada, falível, pois Deus é sempre mais, excede a percepção que possamos ter dele, é mais do que aquilo que nossas mentes possam compreender. Entretanto, é na experiência que nos

[15] Aurélio Agostinho de Hipona nasceu em 13-11-354 em Tagaste e morreu a 28-08-430 em Hipona, diocese da qual era o titular. Ficou conhecido universalmente como um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros séculos do Cristianismo. Suas obras influenciaram o desenvolvimento do Cristianismo e filosofia ocidental. Particularmente importante para a nossa reflexão é o seu tratado *De Trinitate*.

© 2021 Global Journals

convencemos da sua existência, da sua aliança conosco e da sua presença na nossa vida, na vida de cada um: o amor infinito da Trindade Amorosa se derramando sobre nós, apesar de nós mesmos. Nessa experiência, podemos nos converter, podemos perdoar, ter motivos imotivados para amar os outros, para ser feliz...

A propósito de reconhecimento da importância das relações, esta entrevista do jornal italiano L'Avvenire sobre um artigo do padre jesuíta e astrofísico Paolo Beltrame, na sessão Ciência e Fé, com o título "Se os quanta lançam luz sobre a teologia"[16]: "A mecânica quântica se abre a uma concepção relacional e dinâmica da realidade. A física contemporânea propõe um novo desafio diante do cristianismo, religião da relação" (BELTRAME, 4-03-2021).

> A percepção teológica que vislumbramos [...]. É preciso ter presente que o pensamento teológico cristão percebe exatamente na Trindade a própria atuação da relação. A Trindade é relação em si mesma, relação com o universo, e relação com todos os seres vivos, sencientes ou não. [...] Além disso, o mistério da encarnação nos convida a perceber a presença do Espírito em múltiplas realidades, levando-nos a ampliar a imagem da verdade e a colher as suas múltiplas manifestações [...].[17] (BELTRAME, 2021)

Nesse sentido, gostaria de apresentar a experiência de um grupo, entre tantos, que está colocando em prática a vocação para a qual todo cristão – e, por que não dizer, todo ser humano? – é chamado. Durante o tempo de pandemia, um padre de família tradicional mineira, com um discurso muito teórico e espiritualizado veio a ter contato com a realidade, para ele ainda estranha, da extrema penúria em que vivem os pobres da periferia da cidade de Belo Horizonte.

Chegou a esse padre uma "ação entre amigos" para arrecadar dinheiro para a compra de uma cadeira de rodas para um rapaz paraplégico, que ele decidiu partilhar também entre o seu círculo de amigos e conhecidos. Esse rapaz, de 26 anos, morador de uma das favelas de Belo Horizonte, foi baleado na coluna anos atrás, o que o levou à invalidez. Durante a pandemia, a mãe, com quem morava, faleceu em decorrência do Covid19. Além da pobreza, acrescentou-se o desamparo afetivo e a necessidade de cuidados com as suas feridas que estavam piorando por causa de uma cadeira inadequada que o machucava constantemente. Em poucos dias, o dinheiro foi arrecadado, e uma cadeira nova e de qualidade, adequada para as necessidades desse paraplégico foi comprada e entregue a ele juntamente com uma almofada anti-escaras, fraldas e curativos. Além disso, várias pessoas passaram a visitá-lo regularmente para os curativos e outras necessidades.

Tal padre já trazia o desejo de organizar um movimento voltado para a filantropia entre os seus contatos. Vendo o resultado dessa pequena ação e o envolvimento das pessoas, abriu-se para acolher outras situações e necessidades que foram aparecendo. Continuamente, houve pedidos de ajuda. A disponibilidade das pessoas que compõem esse grupo foi se ampliando. Foram deixadas de lado as despreocupações e comodidades de uma vida burguesa para se envolverem concretamente com o outro, agora visto como um necessitado. Admite Levinas[18]: "O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo" (LEVINAS, 1988, p. 26). A sua necessidade interpela e exige uma resposta que compromete quem a ouve.

O resultado é um grupo de mais de 60 participantes que se comunicam entre si diariamente, colocando no centro dos seus interesses as necessidades dos mais pobres. Nessa troca, percebe-se a alegria de quem dá e se dá na dinâmica da graciosa iniciativa do Pai, e a alegria de quem recebe, agradecido, na atitude acolhedora do Filho.

Para além de uma análise que pode resultar depreciativa – e preconceituosa, em alguns círculos – para com esse grupo de classe média, podemos perceber claramente o paradigma trinitário nas relações entre todos eles: o padre que toma a iniciativa de congregar amigos e conhecidos; as pessoas que aceitam o convite de, juntas, atenderem pessoas necessitadas; essas pessoas juntamente com o padre que assumem a iniciativa paterna da aproximação dos necessitados; os que recebem a ajuda, por sua vez, percebem-se agraciados com a atenção que recebem e a acolhem com simplicidade. Necessidades urgentes e concretas são satisfeitas com a generosa atividade de pessoas que poderiam simplesmente dizer: eu estou bem, não sou responsável pela miséria do mundo.

Esse grupo, composto por pessoas que sofrem a angústia da pandemia e se encontram adoecidas pelas limitações desse momento histórico. Ao

[16] ***Scienza e fede. Se i quanti gettano luce sulla teologia.*** *La meccanica quantistica apre a una concezione relazionale e dinamica della realtà. La fisica contemporanea propone una nuova sfida nel confronto con il cristianesimo, religione della relazione*. Esta entrevista saiu a propósito do artigo de Beltrame intitulado: Forse Dio gioca ai dadi? in **Civiltà Cattólica**, Quaderno n. 4097, pag. 450 – 461, anno 2021, Volume I, 4 Marzo 2021.

[17] *La percezione teologica che vi intravediamo [...]. Va tenuto presente che il pensiero teologico cristiano scorge proprio nella Trinità l'attuazione stessa della relazione. La Trinità è relazione in se stessa, relazione con l'universo, e relazione con tutti gli esseri viventi, senzienti o meno. [...]. Inoltre, il mistero dell'incarnazione ci invita a percepire la presenza dello Spirito in molteplici realtà[...].* Tradução da autora deste artigo.

[18] Emmanuel Levinas (1906-1995) foi um filósofo francês nascido em uma família judaica na Lituânia. Profundamente envolvido pela Shoah, foi um dos maiores filósofos do século XX.

© 2021 Global Journals

dedicarem a sua atenção às necessidades dos outros, as preocupações com a própria saúde, com o trabalho, com os amigos e parentes, tornam-se menores, quase insignificantes diante da miséria do outro. Há uma reorientação das preocupações pessoais, que se relativizam diante do outro e de suas necessidades. Essas pessoas, ao se mobilizarem, estão colocando em ato o amor de iniciativa do Pai que se dá completamente e gratuitamente, do jeito delas, com os próprios limites e as próprias falhas. Porque é assim que é o ser humano. O resultado visível para os participantes desse grupo que se volta para amar concretamente o próximo sofredor e necessitado é a cura, física e psicológica, de seus males. Vemos a alegria florescer, a esperança voltar, a angústia se substituída por criatividade e engenhosidade.

De outro lado, os que recebem, parecem ficar realmente satisfeitos com o que lhes chega como dom e, aqueles que estão em condições, procuram fazer disso um modo para se tornarem autossuficientes, para suprirem as necessidades próprias e da família. Portanto, também neles tem início um movimento de transformação que vai para a frente, toca outros.

Enquanto a injustiça social no país continua se alargando, um grupo de pessoas começa a pensar no próximo. Os comentários no chat revelam a alegria dos que estão doando e a alegria de quem está recebendo. As pessoas se apresentam desarmadas, solícitas em resolver os problemas dos outros, em buscar soluções que falem de humanidade, de dignidade. Não basta ajudar, é preciso estar atentos à dignidade do socorrido. Então temos reformas e construções de cozinhas, de telhados, de banheiros. Ajuda na provisão de um pequeno carrinho de lanches para uma família poder ganhar o próprio sustento. O enxoval para o bebê que está chegando em outra família. Algumas coisas muito simples, como um colchão confortável para um doente terminal. Outras mais complexas como conseguir moradia para uma família, um tratamento médico ou odontológico mais complexo. O resultado é a difusão do amor. Quem ajuda se realiza, quem é ajudado, se realiza. Os que ouvem essa experiência se veem tocados por esse amor, sentindo-se compelidos a também se abrirem ao outro.

VI. Considerações Finais

Em relação ao tema tratado neste artigo, podemos dizer que o ser humano tem vocação para a relação. "Vocação" é uma palavra que tem uma conotação importante no vocabulário cristão, significa ser chamado para uma missão especial. O próprio chamado confere ao vocacionado uma graça que o torna capaz de realizar a tarefa que lhe é confiada. Portanto, pode-se dizer, sem medo de exagerar, que o cristão é aquela pessoa que é chamada a viver como o Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem na intimidade pericorética, na Trindade Imanente, ou seja, na relação íntima de Deus em si mesmo.

Os cristãos assumem que *bonum diffusivum sui*: o bem é difusivo por si mesmo. Pode-se dizer que "o amor é contagioso", uma vez que o amor é o bem supremo. Portanto, quem entra no esquema do paradigma trinitário realiza-se como ser humano feito à imagem e semelhança de Deus Trindade Amorosa (Gn 1,26-27) e transforma o mundo ao seu redor. As relações estabelecidas são impulso para novas experiências, refrigério e alimento para os corações cansados, desiludidos e desesperançados, sentido para uma vida estagnada. O amor cura.

O Deus Trindade do qual viemos, que nos sustenta e nos acompanha na nossa caminhada e para o qual voltaremos ao fim de tudo, imprimiu o paradigma trinitário em toda a criação, portanto também no ser humano. E nós nos realizamos ao colocá-lo concretamente na nossa vida, vivendo segundo o paradigma relacional de Deus-Trindade Amorosa.

References Références Referencias

1. Bíblia de Jerusalém.
2. BELTRAME, Paolo em entrevista. Se i quanti gettano luce sulla teologia. *Avvenire.it.* 4-03-2021.
3. BISPO, Manuela. *Alta Idade Média.* https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/alta-idade-media. Acesso em 04-10-2021.
4. BUROCCHI, Aurea Marin. *Ética e Estética na Teologia Trinitária de Bruno Forte.* Curitiba: Brazil Publishing, 2018.
5. FORTE, Bruno. La Trinità: storia di Dio nella storia dell"uomo. in: AA.VV. *Trinità.* Vita di Dio, progetto dell"uomo. Roma: Città Nuova, 1987, p. 108. (tradução da autora do artigo)
6. FORTE, Bruno. *L'Eternità nel tempo.* Saggio di antropologia ed etica sacramentale. Milano: Paoline, 1993. (tradução da autora do artigo)
7. FORTE, Bruno. *Um Pelo Outro.* Por uma ética da Transcendência. São Paulo: Paulinas, 2006.
8. FREIRE da SILVA, Maria. Aspectos do pensamento de Papa Francisco em dinâmica pericotérico-trinitária. *Pistis et Praxis.* Teol. Pastor., Curitiba, v. 8, n. 3, 860-875, set./dez. 2016. ISSN: 1984-3755.
9. IGREJA CATÓLICA. Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM* sobre a Igreja. Roma, 1964. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 05-10-2021.
10. LADARIA, Luis. *O Deus Vivo e Verdadeiro.* São Paulo: Loyola, 2005.
11. LEVINAS, E. *Totalidade e infinito.* Lisboa: Edições 70, 1988.
12. MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à História da Igreja.* Vol. 1. Belo Horizonte: O Lutador, 1997.

© 2021 Global Journals

13. MUÑOZ, Ronaldo. *Trindade de Deus amor oferecido em Jesus,* o Cristo. São Paulo: Paulinas, 2002.
14. PALMA, Alexandre. *O Mistério da Trindade.* Falar de Deus junto de nós. São Paulo: UNICAP-Paulinas, 2018.

© 2021 Global Journals